

“Borboletas Azuis” de Campina Grande: crenças e lutas de um movimento milenarista

“Borboletas Azuis” of Campina Grande: belief and fighting of a millenarist movement

Lidiane Cordeiro Rafael de Araújo*
Magnólia Gibson Cabral da Silva**

Resumo

Os “Borboletas Azuis” de Campina Grande/PB alcançaram destaque nacional devido à propagação de uma profecia que afirmava a ocorrência de um dilúvio para o dia 13 de maio de 1980. O movimento é uma contestação às transformações da Igreja Católica Romana a partir do Concílio Vaticano II, quando foram tomadas medidas em favor de liturgias mais adequadas às culturas locais e em idioma próprio, assim como mudanças significativas nos textos e na linguagem utilizados na missa e na administração dos sacramentos. A proposta do movimento é resgatar o modelo do cristianismo primitivo, em sua espera messiânica de instauração de uma nova “idade de ouro”. A identidade religiosa do movimento se constitui numa ‘bricolagem’ do cristianismo com o espiritismo, sendo sua excentricidade o motivo para os conflitos com a Igreja Católica e a imprensa local. O presente estudo analisa a trajetória do movimento “Borboletas Azuis”, caracterizando-o como messiânico-milenarista, tomando como perspectiva teórica os estudos da religião realizados por Delumeau, Queiroz, Negrão, Giddens, Weber e Andrade. Nossa metodologia consistiu na realização de entrevistas com remanescentes do movimento e na análise de reportagens de jornais e documentos produzidos pela liderança.

Palavras-chave: Messianismo; Milenarismo; Luta simbólica.

Abstract

The "Borboletas Azuis" of Campina Grande city / PB achieved national prominence due to the spread of a prophecy that asserted a deluge for May 23rd 1980. The movement is a contestation to the Roman Catholic Church of Vatican II, from where measures have been taken in favor of liturgies more appropriate to local culture and language, as well as significant changes in the texts and languages used in the Mass and in the administration of the sacraments. The “Borboletas Azuis” proposes a revival of the model of primitive Christianity, in its messianic hopes to introduce a new "golden age". The religious identity of the movement is constituted of ‘bricolage’ of Christianity with spiritism. Because of its "eccentricities", ended generating a huge controversy that culminated in a double conflict: one with the Catholic Church and other with the local press. This study analyzes the imaginary of the "Borboletas Azuis”, adopting a theoretical perspective inspired on studies about religion done by Delumeau, Queiroz, Negrão, Giddens, Weber e Andrade. The methodology we used consisted in open interviews carried out with remaining believers and the analysis of local press articles and documents produced by their leaders.

Key words: Messianism; Millenarism; Symbolic fight.

Artigo recebido em 31 de outubro de 2008 e aprovado em 05 de abril de 2009.

*Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, e-mail: lidiane_marne@hotmail.com

** Doutora em Sociologia da Universidade Federal de Campina Grande, e-mail: magnoliagibson@bol.com.br

Introdução

Por messianismo entendemos a crença em um salvador, o próprio Deus ou seu emissário, e a expectativa de sua chegada, que porá fim à ordem presente tida como iníqua ou opressiva, e instaurará uma nova era de virtude e justiça (NEGRÃO, 2001).

Consoante o autor citado, o fato de um movimento caracterizar-se como messiânico-milenarista já deve antecipar para o observador a chave que desvende um código de condutas sociais e econômicas diferentes. Já para Campos (2003), é no nível da moral, e não da motivação política e/ou econômica, que devemos encontrar caminhos interessantes para entender como os crentes desses movimentos concebem a sociedade.

O desejo expresso no discurso dos “Borboletas Azuis” de restabelecimento de um mundo mais humilde e harmonioso, tal como no início dos tempos no Éden, retratado nos relatos bíblicos do Gênesis, permite classificar o movimento como milenarista. Os “Borboletas Azuis” acreditavam que haveria um dilúvio – fixaram até uma data para sua ocorrência – após o qual seria instaurado um mundo renovado tal qual supunham ter existido no passado mítico da tradição judaico-cristã. Esse mundo seria uma espécie de reatualização do paraíso auroral: “tudo ia ser como era antes. Depois do dilúvio o mundo ia ficar como era”¹. Na esperança de que o mundo por eles idealizado fosse reconstituído, os seguidores do movimento adotaram regras diferentes daquelas vigentes na sociedade inclusiva.

Como observa Andrade (2003), o início do Novo Milênio para o imaginário ocidental evoca quase instantaneamente mitos e profecias que prenunciam desfechos apocalípticos, como o final dos tempos e o advento de um novo tempo regido por uma ordem divina inspiradora do ideal milenarista.

Com base nos estudos de Giddens (2005), Negrão (2001) e Andrade (2003), sustentamos que o movimento religioso popularmente conhecido como “Borboletas Azuis”, longe de ser extemporâneo, é um movimento atual, inteiramente em acordo com a tradição histórica ocidental, uma vez que nesta, é observada, invariavelmente, a cada final de milênio, a recorrência de mitos e profecias que prenunciam desfechos apocalípticos regidos por uma ordem divina inspirada no ideal milenarista.

O presente estudo se propõe a reconstituir essa rede imaginária, caracterizando-a como movimento messiânico-milenarista. Partimos do pressuposto de que simples

¹ FERREIRA, Tereza. Membro ativo do movimento desde sua fundação até os dias atuais. Entrevista concedida a Lidiane Cordeiro em 03 jun. 2005.

contestações pacíficas podem constituir-se como movimentos messiânico-milenaristas (NEGRÃO, 2001).

Iniciamos a discussão situando o movimento, em seguida cotejamos os diferentes discursos interpretativos e concluímos com a ressignificação após a não realização da profecia.

1 Surgimento de um movimento

As primeiras notícias a respeito do movimento aparecem a partir de meados de 1978 quando os participantes da Casa de Caridade Jesus no Horto – um estabelecimento considerado espírita e registrado como tal, que tinha como substrato a doutrina católica – anunciaram uma profecia que afirmavam ter recebido do próprio Jesus. Tratava-se da ocorrência de um dilúvio, previsto para o dia 13 de maio de 1980.² A partir de então, esse grupo modificou completamente o seu cotidiano. Os “Borboletas Azuis”,³ como ficaram conhecidos, alcançaram destaque nacional e até mundial (BORBOLETAS AZUIS, 1979).

O movimento não se inicia com a profecia. A Casa de Caridade Jesus no Horto foi fundada em 1961, por Roldão Manguiera de Figueiredo, com a finalidade de pôr em atividade uma casa espírita – conforme nos indica a licença da Secretaria de Segurança de Campina Grande (CENTENAS DE, 1980).

Roldão Manguiera de Figueiredo nasceu em Conceição do Piancó (PB), tendo migrado, na década de 1930, para Campina Grande, onde, posteriormente, tornou-se um próspero comerciante de algodão, agave e mamona (CENTENAS DE, 1980). De acordo com seu neto Nivaldo Manguiera, “ele bateu o *record* histórico [...] de exportação destas fibras”⁴.

Roldão Manguiera era visto na cidade como uma pessoa de projeção. Através do comércio, conseguira adquirir muitos bens materiais tornando-se proprietário de diversos imóveis na cidade, dentre os quais a Casa de Caridade Jesus no Horto, posteriormente doada à associação.

² A profecia foi revelada em meados de 1978. O aviso entregue e endereçado à humanidade em geral comunicando sobre o provável dilúvio que aconteceria em 13 de maio de 1980 está datado de 9 de junho de 1978. Cf. BORBOLETAS AZUIS, 1980b.

³ “Borboletas Azuis” é a alcunha atribuída pela população de Campina Grande – e consolidada pela mídia – aos seguidores de Roldão Manguiera, em razão dos longos mantos azuis por eles utilizados.

⁴ MANGUEIRA, Nivaldo. Entrevista concedida a Lidiane Cordeiro em 17 maio 2005. As demais referências à Nivaldo serão feitas pelo sobrenome e ano da entrevista (MANGUEIRA, 2005).

De acordo com Willian Silva, os relatos da época davam conta de que a Casa de Caridade Jesus no Horto tinha sido aberta por Roldão por ordem do Padre Cícero. Segundo ele,

A história lá de Roldão Mangueira é que ele botou esse centro espírita [...] que disseram que ele tinha dois armazéns [...] na época ele tinha muito algodão e agave e pegou fogo nesses negócios tudinho, e quando ele soube da notícia, soube no centro da cidade [...] aí disse que ele subiu no elevador do edifício Rique pra pular lá de cima do último andar, botou na mente pra se suicidar. Aí ele disse que quando entrou no elevador que desceu lá no último andar, ele viu um padre, na concepção dele era padre Ciço. Aí ele [padre Cícero] disse: desça e vá tomar conta do resto dos troços que ficou e você quando resolver esse problema bote um centro espírita pra fazer caridade para o povo (...) aí ele disse que vendeu os troços e aí começou [...].⁵

A partir do incêndio em seus armazéns – e desgostoso com as reformas empreendidas pela Igreja Romana (ARAÚJO, 2008) –, Roldão Mangueira passou a se interessar mais pelo espiritismo, fundando um centro sob a denominação de Casa de Caridade Jesus no Horto, que, nas palavras do seu fundador, tinha como lema “a humildade, a caridade, o amor ao próximo e a Deus” (ROLDÃO DIZ, 1979). Nesse recinto, Roldão Mangueira passou a realizar reuniões espíritas chamadas “Mesas Brancas”, durante as quais se dizia que aconteciam curas e outros milagres, fato que concorreu para o aumento do número de adeptos. A partir da divulgação de que Roldão Mangueira tinha o “poder de curar”, muitas pessoas foram atraídas para aquele lugar. Willian Silva nos contou que toda a sua família passou a frequentar a Casa de Caridade Jesus no Horto Casa a partir de uma cura que sua mãe tinha recebido ali.

Houve um momento em que cerca de 350 pessoas frequentavam aquela Casa (MÃE DE, 1979). De acordo com o depoimento de muitos remanescentes, assim como de familiares e amigos de Roldão Mangueira, líder espiritual dos “Borboletas Azuis”, a casa chegou a reunir no auge de sua popularidade (1º semestre de 1978), de 700 a 800 pessoas. Depois de algumas profecias recebidas por Luciene,⁶ muita gente teria abandonado o movimento. Segundo Willian Silva, “Essa menina começou a botar ordem na Casa. Aí ela começou: mulher com unha pintada não é mais pra entrar; mulher

⁵ SILVA, Willian. Entrevista concedida a Lidiane Cordeiro em 12 jun. 2005. Silva ex-membro de Borboletas Azuis.

⁶ Luciene era uma profetisa da Casa de Caridade Jesus no Horto. Ela dizia receber a incorporação de Nossa Senhora e Jesus Cristo. A profecia acerca da mudança das vestimentas e a do dilúvio foram entregues por ela.

que corta o cabelo não é pra entrar; mulher não pode usar calça comprida; aí o povo foi se afastando, [...] não ia gostando e ia saindo”⁷.

Ainda de acordo com Willian Silva, depois das referidas profecias, “o negócio ainda iria ficar mais sério”, pois foi depois daí que Luciene disse ter recebido outro recado de Jesus, no qual ele dizia que “todo mundo tem que usar as mesmas roupas que os apóstolos de Jesus usavam”⁸.

As profecias dos “Borboletas Azuis” causaram enorme efervescência na cidade, a tal ponto que ganham notoriedade nacional, alargando o campo de visibilidade do grupo. A partir da profecia do dilúvio, no dia 13 de cada mês, os membros remanescentes passaram a fazer caminhadas de peregrinação pelas ruas centrais da cidade, anunciando o dilúvio e conclamando as pessoas a visitar a Casa de Caridade Jesus no Horto a fim de se voltarem pra Jesus e escaparem dessa terrível catástrofe. A figura daqueles crentes sem sandálias nos pés e vestidos com mantos azuis e brancos chamou a atenção dos moradores da cidade, que passaram a denominá-los “Borboletas Azuis”.

Para D. Tereza – até hoje membro do movimento – eles não são “Borboletas Azuis”: “apenas somos peregrinos [...] para cumprir uma missão na terra. Mas isso aí é pra quem compreende e acredita e tem fé”⁹.

O fato é que grande parte da população de Campina Grande se indignou com essas pessoas, e elas se tornaram alvo de insultos e, por vezes, agressões durante suas caminhadas de peregrinação: “Populares espancaram Roldão e seus adeptos” foi a manchete do Diário da Borborema do dia 26/9/1979 (POPULARES ESPANCARAM, 1979).

Certo dia, em uma de suas caminhadas, o grupo foi até as margens do açude velho,¹⁰ onde costumeiramente se reuniam para rezar. De acordo com Willian Silva,

Houve uma onda aí que o povo inventou. Disseram que eles iam passar no Açude Velho, mas foi conversa, [...] eles foram orar ali naquele canto, aí foram a turma todinha, era umas 40 pessoas, aí estavam tudo ali junto orando, aí o povo vinha passando e via aquele povo né, aí começaram a espalhar: os Borboletas Azuis vão passar na água do açude velho. Aí eu sei que a notícia se espalhou pela feira e chegou no centro da cidade, aí a televisão Borborema desceu e fizeram a reportagem. Mas a verdade é essa: que eles não iam passar na água não estavam só orando, aí o povo tirou essa onda.¹¹ (SILVA, 2005).

⁷ SILVA, Willian. Entrevista concedida a Lidiane Cordeiro em 12 jun. 2005.

⁸ SILVA, Willian. Entrevista concedida a Lidiane Cordeiro em 12 dez. 2005.

⁹ FERREIRA, Tereza. Entrevista concedida a Lidiane Cordeiro em 08 jun. 2005.

¹⁰ Antigo reservatório de água que abastecia a cidade, hoje, um dos marcos turísticos.

¹¹ SILVA, Willian. Entrevista concedida a Lidiane Cordeiro em 12 maio 2005.

Segundo o relato jornalístico, “o Sr. Roldão Mangueira, havia afirmado, há poucos dias, que iria atravessar o Açude andando sobre as águas” (POPULARES ESPANCARAM, 1979).

À medida que essas e outras proezas foram sendo divulgadas, cada qual procurando contar e interpretar a seu modo um ou outro ato “extraordinário” praticado pelos “Borboletas Azuis”, imagens negativas a respeito do movimento foram se espalhando pela cidade e reforçadas pela imprensa. Eles acabaram sendo vistos como loucos.

Outro episódio muito comentado na cidade nos foi relatado por Willian Silva:

Faltava uns dois meses para o São João, ela, [Luciene] começou a dizer: só escapa do dilúvio quem passar nas brasas da fogueira [...] Sei que chegou o dia de São João fizeram uma fogueira grande, quando terminou os trabalhos a fogueira baixou, ficou só as brasas. Aí pegaram umas pás e começaram a abrir aquelas brasas e fizeram aquela roda de brasa, [...] aí ela começou a incentivar o povo; quem é o primeiro [...]. Eu sei que teve um doido lá sabe que abriu o caminho e não se queimou. [...] aí deu força aos outros [...], aí começou a se queimar gente. Tinha gente que o solado dos pés caía [...]. Aí um irmão meu [...] ele passou duas vezes [...], pois ele foi e voltou e não se queimou [...] aí me deu força [...] eu fui com aquela fé de escapar do dilúvio, a fé foi tão grande, eu tinha tanto medo de morrer nesse negócio de dilúvio, aí eu passei [...].¹²

O episódio acima descrito foi interpretado pela imprensa como manifestação de loucura. Para D. Tereza, adepta, “(...) foi uma coisa mesmo dada por Deus. Uma coisa incrível. Um exemplo dado por Deus que queria ver a coragem de cada um de nós”¹³.

Consoante Chartier (1990, p. 17), as percepções do social não são de forma alguma discursos neutros, ao contrário, “produzem estratégias e práticas que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezadas, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas condutas”.

Nesse sentido, a partir de fatos reais diversamente interpretados e divulgados, uma multiplicidade de imagens discursivas foi sendo construída a respeito do movimento. Neste trabalho, procuramos mostrar os diferentes discursos a partir dos seus respectivos espaços sociais.

¹² SILVA, Willian. Entrevista concedida a Lidiane Cordeiro em 12 maio 2005.

¹³ FERREIRA, Tereza. Entrevista concedida a Lidiane Cordeiro em 23 set. 2005.

2 Arte de “dizer o outro”: luta simbólica entre os “Borboletas Azuis” e a mídia

Preocupados com a reação da comunidade campinense em relação aos “Borboletas Azuis”, professores, rotarianos e cursilhistas formaram uma comissão para discutir a questão. Temia-se que, se levados ao ridículo, os participantes do grupo pudessem chegar ao desespero. “A zombaria pode se tornar a causa de um desastre em Campina Grande”, diziam eles (BORBOLETAS AZUIS, 1980).

A preocupação com uma provável tragédia que poderia suceder no dia 13 de maio – caso o dilúvio não acontecesse – sobreveio, principalmente, devido às comparações que começaram a ser feitas entre Roldão Mangueira e Jim Jones.¹⁴ O episódio do suicídio em massa provocado pelo pastor norte-americano, ocorrido cerca de um ano antes, ainda se encontrava muito fresco na lembrança das pessoas e muitos temeram que um fato semelhante viesse a ocorrer em Campina Grande. A própria família de Roldão estava receosa. Aliás, a comissão formada por professores e rotarianos foi organizada devido a um pedido de Hilda Mangueira – filha de Roldão Mangueira.

Muitos jornais manifestavam a preocupação com o fato. “Suicídio coletivo pode-se repetir em Campina Grande”, dizia a manchete do Jornal Correio da Paraíba de 13/5/1980 (ARCELA, 1980). “Uma advogada, filha de Roldão Mangueira, nega que o pai esteja no mesmo caminho do fanatismo suicida de Jim Jones”, era um dos artigos da Revista Manchete de 10/11/1979 (BORBOLETAS AZUIS, 1979). “Seita de Roldão pode levar adeptos ao suicídio”, dizia o Diário da Borborema de 26/8/1979 (SEITA DE, 1979). Destarte, a história dos “Borboletas Azuis” foi sendo *colonizada* (para usar uma um conceito de Certeau, 2002) por uma série de discursos.

Roldão Mangueira, todavia, quando da publicação desses artigos, já tinha deixado claro que não seria capaz de tal ato. Em uma declaração ao Diário da Borborema em 22/9/1979, afirmou: “irmãos, fiquem tranquilos. Os filhos da Casa de Caridade Jesus no Horto são humildes, pacíficos e jamais pensarão em suicídio coletivo.

¹⁴ Em 1978, o pastor norte-americano Jim Jones conduziu seus seguidores do “Templo do Povo”, situado em São Francisco (USA), para uma região remota da Guiana, onde fundaram um assentamento que chamaram de Jonestown. Ali eles se preparavam para o “grande dia”, que acreditavam estar próximo. Em novembro daquele ano, um senador americano e integrantes da mídia chegaram ao local em uma missão de averiguação de denúncias feitas sobre a seita de Jim Jones. Depois de emboscar a comitiva e assassinar praticamente todos os integrantes, Jones e seus seguidores tomaram ponche com cianureto, cometendo provavelmente o maior suicídio em massa da história. Cerca de novecentas pessoas morreram. Todavia, como assevera Wilson (2002, p. 39), Jones e seus seguidores acreditavam que “a morte não seria morte, ao contrário, iria libertá-los dos infortúnios da vida humana comum, elevá-los a um nível espiritual mais alto e salvá-los da ira que Deus estava prestes a verter sobre o mundo”.

Não oferecerão esse prazer aos pobres de espírito e coração, inimigos gratuitos desta casa, sedentos de sensacionalismo para as suas ascensões individuais” (MÃE DE, 1979).

Nos termos de Chartier, pode-se falar de “luta de representações”; ou como propõe Bourdieu (1990), uma “luta simbólica”.

À medida que adentramos na pesquisa sobre o movimento, a disputa simbólica entre este e a mídia parecia-nos cada vez mais significativa. Diversas vezes, membros do movimento acusaram a mídia de estar divulgando atos que eles não teriam praticado e afirmações que não teriam feito.

Em 22/11/1979, o Diário da Borborema publica matéria em que se lê: “[...] Roldão diz que notícias sobre a seita não espelham a verdade”. De acordo com essa matéria, o líder da Casa de Caridade Jesus no Horto enviara uma carta ao Diário da Borborema, afirmando que “o noticiário da imprensa estava sendo injusto para com a instituição que dirigia e por demais alheio à verdade dos fatos”.

Antônio de França,¹⁵ indignado, por várias vezes queixou-se da atuação da imprensa. Em uma de suas entrevistas, ele teria acusado a imprensa de incentivar na população um sentimento que variava entre a compaixão e o ódio para com os “Borboletas Azuis”. Segundo ele, “nunca existiu esse negócio de dizer que nós iríamos andar sobre as águas, nem tão pouco estávamos construindo uma arca para salvar o mundo do dilúvio. Tudo foi inventado e chegaram até a dizer que nós estávamos separando os casais...” (PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE, 1982, p. 55).

A Revista Manchete em 10/11/1979 publicou a seguinte informação: “O Jornal Diário da Borborema abriu cerrada campanha contra a seita, chamando os Borboletas Azuis de desordeiros, ladrões e enganadores do povo” (BORBOLETAS AZUIS, 1979). A nosso ver, esses fatos evidenciam uma campanha cerrada expressamente dirigida com o intuito de desqualificar o movimento.

Chartier (1990) afirma que as lutas de representações têm tanta importância quanto as lutas econômicas. Essas lutas seriam importantes para “compreender os mecanismos através dos quais um grupo impõe, ou tenta impor os valores e fortalecer

¹⁵ Antonio de França foi quem assumiu a direção da Missão Casa de Caridade Jesus no Horto depois da morte do Sr. Roldão Mangueira, ocorrida em 24 de julho de 1980, setenta dias depois do fracasso da profecia.

seu domínio” (CHARTIER, 1990, p. 17). Para Michel de Certeau (2002, p. 153), a história narrada mais do que descrever um ‘golpe’ o produz.

A história dos “Borboletas Azuis” evidencia que, a partir das diferentes narrativas e do acionamento da lembrança do caso ocorrido nas Guianas, foram agenciados elementos de outras experiências construindo, paulatinamente, uma “arte de dizer” o outro a partir de suposições. Nesse sentido, diríamos que a história desse grupo não foi constituída unicamente pelos seus membros, pois “uma teoria do relato é indissociável de uma teoria das práticas” (CERTEAU, 2002, p. 153).

3 Um movimento messiânico-milenarista: a nostalgia do paraíso perdido

[...] esse exemplo [dilúvio] vinha pra humanidade [...] pra que o povo que escapasse se voltar pra Deus né (sic), pra cumprir uma missão aqui. O mundo ia ser mais simples, humilde (...) aqui era o campo santo, o paraíso, o paraíso, tudo unido, tudo unido.(...) quem escapasse depois do dilúvio vai se encontrar com um e falar: como é que foi que tu escapasse? Aí se abraça. Tu conseguisse escapar? Ia ser uma maravilha depois do dilúvio, ninguém ia trabalhar mais. (grifos nosso)¹⁶

Um aspecto interessante nas falas de D. Tereza – e isso é uma constante nos depoimentos dos remanescentes do grupo – é que, ao falar do passado, ela utiliza também formas verbais que indicam futuro. Do mesmo jeito, ao falar do futuro, percebemos que ela mistura verbos no passado e no presente. Intercala os verbos nos diferentes tempos – passado, futuro e presente: depois do dilúvio “[...] o mundo ia ser mais simples [...]”; depois do dilúvio “[...] aqui era um campo santo, o paraíso; quem escapasse depois do dilúvio vai se encontrar com um e falar [...]”¹⁷. O presente, no discurso de D. Tereza, é um momento de confluência entre passado e futuro. O passado histórico é apropriado e remontado no presente, de forma a conferir sentido à crença na concretização de um futuro maravilhoso. Mas essa visão antecipada do futuro não torna aquém a existência do presente, pois é essa antevisão do futuro que possibilita a crença na modificação do seu presente.

Além de constatarmos, nos “Borboletas Azuis”, a presença de um imaginário milenarista, verificamos que eles esperam ansiosos a volta do seu messias, Jesus Cristo – outro fato que permite caracterizar o movimento como messiânico. Eles estavam certos de que, juntamente com o messias, viriam à terra também os fiéis discípulos de Cristo, assim como sua mãe e outros santos – que variavam de acordo com a preferência

¹⁶ FERREIRA, Tereza. Entrevista concedida a Lidiane Cordeiro em 23 set. 2005.

¹⁷ FERREIRA, Tereza. Entrevista concedida a Lidiane Cordeiro em 23 set. 2005.

ou a simpatia de cada membro. E esperavam que, tal como Cristo andou com os seus discípulos, eles também iriam andar após o dilúvio, uma vez que a terra iria voltar a ser santa como “naquele tempo que a terra não tinha pecado e o Divino Espírito Santo vinha na terra [...]”¹⁸. D. Tereza nos descreve como iria ser depois do dilúvio:

Jesus ele andava com Luciana, Nossa Senhora ia andar com Severina, eu ia sair no mundo com Santa Terezinha de Jesus (...) Santo Antônio ia sair no mundo pregando também com Antônio (...) ia sair pregando na rua de dois em dois, pregando, mostrando exemplo. (grifos nosso)

A partir do entendimento de que Cristo iria voltar e de que seria instaurado um novo mundo, os crentes se ajuntavam cada vez mais. Entravam cada vez mais em comunhão através de suas reuniões no Templo, até chegar ao ponto em que muitos, deixando suas casas e suas famílias, se mudavam de vez para aquele local, pois acreditavam que as águas do dilúvio iriam atingir toda a terra, mas que Deus iria mostrar um meio de eles escaparem. Willian Silva (2005) nos diz que, quando marcaram o dia do dilúvio, “muita gente se separou das famílias, acabou com os bens que tinham. Tem um senhor aí que mora pras bandas do Cruzeiro, ele era muito bem de vida, vendeu carro, vendeu casa, terra, vendeu tudo, deu a parte da família e a outra parte comprou de alimento”.

Ainda segundo o depoente: “fizeram um galpão lá no Templo grande, muito grande mesmo. Encheram de saco de feijão, de arroz, de farinha, de carne de charque, entupiram tudo pra passar o dia do dilúvio e comer todo mundo”.¹⁹

Após essa reflexão, cremos não restar dúvida acerca do caráter messiânico-milenarista do movimento. Evidências disso são o seu imaginário, inclusive com a concepção de um *escathon* final, e a presença, à frente do movimento, de um líder de tipo carismático – Roldão Mangueira – à espera da vinda do seu messias – Cristo – para reinar na terra com eles. Além disso, os “Borboletas Azuis” atuam coletivamente, não de uma forma violenta, por meio das armas, mas seguindo as ordens que os santos determinavam por meio das incorporações. Entre outras coisas, mudavam seus hábitos de vida, seu modo de vestir, de dormir, de andar, de comer, etc., no sentido de concretizar a nova ordem por eles esperada.

Acrescente-se ainda a profecia, aguardada e vivenciada na agregação dos crentes, que se mudaram para a Casa de Caridade Jesus no Horto e lá ajuntaram

¹⁸ FERREIRA, Tereza. Entrevista concedida a Lidiane Cordeiro em 17 maio 2005.

¹⁹ SILVA, Willian. Entrevista concedida a Lidiane Cordeiro em 12 maio 2005.

mantimentos suficientes para passar, como acreditavam, os 120 dias em que a terra estaria inundada. Mas a profecia não foi concretizada. Ao contrário do esperado, o dia 13 de maio de 1980 foi de sol radiante. Poucos meses depois desse episódio, mais precisamente no dia 24 de julho do mesmo ano, Roldão faleceu. A direção do movimento foi assumida por Antonio de França, que já assumia papel importante na Casa ao lado de Roldão. A sucessão de Roldão por Antonio de França se explica, de acordo com a tipologia weberiana (1994), pelo “carisma” alcançado por este último, o que lhe dá legitimidade. Esse carisma advém das qualificações de “intuição e fé”, que, de acordo com D. Tereza, Antonio de França possuía.

Após a morte de Antonio de França, no entanto, já com uma significativa diminuição do número de adeptos, a missão é informalmente assumida por D. Helena Fernandes, mulher que nas palavras de Negrão e Consorte “é inteligente e enérgica” (NEGRÃO; CONSORTE, 1984, p. 318). É ela – juntamente com D. Tereza, que reside na Casa até a atualidade – que dá prosseguimento às atividades no Templo. As duas são as principais responsáveis pela “sobrevivência” da “missão” no presente.

O não cumprimento da profecia apocalíptica não significou o fim total do movimento, o qual continua vivo para essas adeptas e alguns poucos mais que ainda esperam o agir de Deus e a concretização da profecia. Seria errôneo encarar esse fenômeno religioso como algo imóvel ou que ficou no passado. Ele deve ser visto como algo vivo, em constante processo de significação e ressignificação.

O abortamento da profecia não destruiu a fé de todos os crentes, ao contrário. Embora muitos tenham desistido da empreitada, os poucos remanescentes persistem com firmeza acreditando que a Casa de Caridade Jesus no Horto vai voltar a ser como foi anos atrás, na época de Roldão Mangueira. Se isso acontecerá, não importa ao cientista social. Tudo o que ele pode fazer é constatar o fenômeno, especificar sua origem, tendências, características e especificidades.

De acordo com D. Tereza²⁰, “o padre Ciço disse que se ficar ao menos uma pessoa nessa casa, eu fico, porque se ficar ao menos uma pra responder está bom, dá pra firmar”. Essa persistência confirma a força da profecia para quem nela crê. Sendo a profecia uma previsão futura, enquanto houver crentes, ela sobreviverá. Para os que permanecem no grupo, a concretização se dará no futuro, não importa se próximo ou distante. O momento pouco importa. Para aquele que crê o que importa é a autoridade

²⁰ FERREIRA, Tereza. Entrevista concedida a Lidiane Cordeiro em 23 set. 2005.

do profeta. D. Tereza está convicta de que se permanecer firme, muitos daqueles que saíram, com o tempo, quando se convencerem dos erros deste mundo, voltarão. Diz ela: “seu Antonio disse que ia chegar tempo de o povo que saíram dessa casa, muitos tinham vontade de voltar quando vê as coisas erradas”²¹.

Como se pode ver nesses depoimentos, o desejo e a crença continuam vivos. Porém, isso não significa que permaneçam como antes. O discurso dos membros sofreu um processo de ressignificação. Para eles, o dilúvio vinha, mas “Jesus desliga e ele revoga”²².

A explicação que D. Tereza nos dá para o não cumprimento da profecia recai sobre dois aspectos: um humano, outro diabólico.

O primeiro aspecto é o fato de os crentes da Casa estarem interessados em que Deus mandasse o dilúvio apenas para eles não morrerem e, então, poderem desfrutar das riquezas e farturas existentes no mundo. Segundo a depoente,

estavam umas mocinhas tudinho aqui namorando, roupa de biquíni dentro das suas coisas, homem casado aqui conquistando as mocinhas [...], outros fazendo planos de quando passar o dilúvio comer muito queijo de graça aí, só tu vendo. Mulher velha fazendo plano de casar quando passasse o dilúvio; menina era uma tristeza.²³

Além de muitos crentes agirem erradamente – pecando, segundo D. Tereza –, eles continuavam a fazer planos errados para o futuro. Desse modo, o ingresso ou mesmo o prosseguimento no movimento para essas pessoas se dava como uma espécie de “seguro de vida”. Elas acreditavam que estariam livres da morte, pois fazendo parte do movimento não morreriam no dilúvio, e esperavam usufruir das coisas boas que, posteriormente, a “nova Canaã” proporcionaria. Uma vida de deleites seria o “prêmio” desse seguro.

Todavia, para D. Tereza, esses não deveriam ser os objetivos de quem se salvasse. Segundo ela, depois do dilúvio “davia sair todo mundo pregano”. Isto é, depois do dilúvio eles iriam cumprir sua “missão” de pregar no mundo.

Em outra conversa, ela justifica a não concretização da profecia pelo fato de muitos crentes ainda não estarem preparados para a mudança.

Dona Helena falou quando Jesus tava concentrado em Luciene, aí ela disse: Jesus, como é que pode! Quem pode passar um exemplo nessa casa? Fulano

²¹ FERREIRA, Tereza. Entrevista concedida a Lidiane Cordeiro em 23 set. 2005.

²² FERREIRA, Tereza. Entrevista concedida a Lidiane Cordeiro em 17 maio 2005.

²³ FERREIRA, Tereza. Entrevista concedida a Lidiane Cordeiro em 17 maio 2005.

assim, assim, assim... Homem casado conquistando as moças. Aí ele, Jesus, disse assim: ei, vocês deixa quieta essa gente, eu vim escolher minhas ovelhas, aqui vão ficar só os meus... Seu Antonio foi quem disse que seu Roldão disse que ia ficar bem pouquinho gente, e está aí.²⁴

Ao falar em nome do outro – “...seu Antonio foi quem disse que seu Roldão disse...” –, D. Tereza torna sua a narrativa do outro. Consoante Certeau, é preciso entender que a narrativização das práticas não é apenas um dizer inocente, mas uma “maneira de fazer” textual (CERTEAU, 2002, p. 152). Assim, no ato de repetir o que seu Antonio afirmava ter ouvido de Roldão, D. Tereza atribui um novo significado ao passado, ou seja, à não concretização do dilúvio – “as pessoas não estavam em condição” –, mas, nesse momento, ela “relembra” o que lhe fora dito.

Essa admoestação não foi algo dito apenas por seu Antonio de França ou por Roldão. Houve ainda a interferência do sobrenatural, a fim de que não ficasse dúvida alguma acerca da “provação” pela qual a Casa de Caridade Jesus no Horto iria passar – o abandono da maioria dos seus membros. Segundo D. Tereza, “o padre Ciço disse: olhe vocês pensavam que aqui vai ficar essa gente? O padre disse aí. Vai não. Ele disse: vai chegar tempo aqui, de ficar bem pouquinho gente, bem pouquinho gente”²⁵.

Agora validado como mensagem do sobrenatural não haveria por que duvidar do recado. Esse é, de fato, um momento pelo qual a Casa deve passar, mas, no futuro há esperanças, por parte dos remanescentes, de que essa situação mude.

O segundo aspecto sobre o qual recai a explicação de D. Tereza para o não cumprimento da profecia diluviana seria o desejo do diabo de querer que Deus acabasse com tudo. Para ela, “o demônio queria que Deus passasse uma esponja, [mas] não é assim não”²⁶. Em seu entendimento, os crentes da Casa de Caridade Jesus no Horto estão passando por um momento semelhante àquele pelo qual passaram os apóstolos de Cristo quando seu mestre foi morto, e eles, agora, sem seu Senhor,

... ficaram tudo numa casa com medo, aí disseram: mataram Jesus vão matar a nós também, aí ficaram tudo trancado, aí foi obrigado Jesus com três dias descer e chegar naquela casa e dizer: a paz seja convosco. Aí os apóstolos disseram: Jesus! É Jesus! Aí ali Jesus entrou, comeu, conversou com eles.²⁷

²⁴ FERREIRA, Tereza. Entrevista concedida a Lidiane Cordeiro em 08 jun. 2005.

²⁵ FERREIRA, Tereza. Entrevista concedida a Lidiane Cordeiro em 23 set. 2005.

²⁶ FERREIRA, Tereza. Entrevista concedida a Lidiane Cordeiro em 08 jun. 2005.

²⁷ D. Tereza refere-se à passagem da Bíblia em que Jesus, depois de sepultado e já ressurreto, antes de sua ascensão ao céu aparece aos seus discípulos (In: Lc. 24: 36-53; Mc. 16: 14-20; Jo. 20:19-23).

D. Tereza espera que Jesus tome para com eles uma atitude semelhante à que ele tomou para com os seus discípulos em Jerusalém. Inclusive, ela relembra o episódio vivido por Tomé e narrado no Novo Testamento.

Quando Tomé chegou, aí disseram assim: mas Tomé tu nem sabe quem chegou aqui. Quem foi? Foi Jesus. Ele disse: eu não acredito. Aí quando foi com três dias Jesus voltou novamente – e ele já sabia que Tomé não acreditou. Aí Ele disse: Tomé tu só acredita naquilo que tu vê? Bem aventurado é aquele que crê sem vê. Eu sou uma dessas. Eu estou aqui pela fé. Aí ele [Jesus] disse: Tomé tu só acredita naquilo que tu vê? Toque na minha chaga. Quando ele tocou em Jesus aqui [mostrou a mão] criou fé [...] (grifo nosso).²⁸

Ao falar sobre a atitude de Tomé – que só acreditou na ressurreição de Cristo depois de tê-lo visto e tocado em sua chaga –, D. Tereza se coloca, ao contrário desse discípulo, como uma bem-aventurada, pois está na Casa apesar de todo o sofrimento e todas as “perdas” e dificuldades que atravessou: o não cumprimento da profecia do dilúvio; a morte de seu líder; a saída de muitos membros, etc. Assim, ao falar a experiência do “outro” – Tomé – ela marca seu lugar: o de crente e bem-aventurada.

Ainda que ressignificando o discurso acerca do dilúvio, D. Tereza e os demais remanescentes (cerca de sete, apenas) continuam até o presente momento praticando sua crença e investindo-a de significados a fim de que possam encontrar sentido para continuar aguardando o “exemplo” que, segundo eles, Deus em breve vai mostrar a essa terra para então remi-la de todo mal.

No entanto, nós nos perguntamos se de fato é possível falar na existência efetiva do movimento hoje, já que ele mudou muito em relação aos anos 1970 e 80. As procissões de peregrinação cessaram. As instruções recebidas por meio das incorporações parecem não mais acontecer. Os poucos remanescentes são pessoas já com idade avançada e que se limitam a rezar e cantar no Templo nos dias específicos das reuniões.

Sem a renovação (no sentido do ingresso de mais pessoas convertidas ao movimento), não estaria esse movimento fadado a desaparecer quando da morte desses remanescentes? A dimensão da mensagem não encontra limite no número de adeptos existentes? Ao que se percebe, os remanescentes não parecem ter uma estratégia de “renovação” do movimento, apenas a esperança de que ele pode ser revitalizado no futuro, e isso por meio do retorno dos que deixaram a “missão”.

²⁸ Sobre a incredulidade de Tomé e o aparecimento de Jesus a ele ver Jo. 20:24-29.

Todavia, grande parte das pessoas que anteriormente participaram do movimento já morreu, e os poucos que restam preferem “esquecer” o que vivenciaram no movimento. Diríamos que essas pessoas morreram não fisicamente, mas espiritualmente em relação ao movimento.

Desse modo, não sabemos ao certo o que aguarda a Casa de Caridade Jesus no Horto. O que temos de concreto hoje é a esperança dos remanescentes de que a situação irá se reverter. Basta ao cientista social esperar o desenrolar dos fatos e, então, analisá-los.

A partir desses relatos e da documentação disponível, pudemos “reconstituir” a trajetória histórico-social dos “Borboletas Azuis” evidenciando, como sustenta Negrão (2001), que simples contestações pacíficas podem constituir-se como movimentos messiânico-milenaristas.

Referências

ANDRADE, M. O. de (Org.). **Milenarismo e utopias: a busca do quinto império**. João Pessoa: Manufatura, 2003.

ARAÚJO, L. C. R. de. **“Borboletas Azuis” de Campina Grande: crenças, práticas e lutas de um movimento messiânico-milenarista**. 2008. 164f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba, Campina Grande.

ARCELA, Alberto. **População de Campina Grande revoltada com a previsão das Borboletas Azuis**. Correio da Paraíba. João Pessoa. 13 mai. 1980.

BORBOLETAS AZUIS aguardam o dilúvio que começa hoje. **Diário da Borborema**, Campina Grande. 13 mai 1980b.

BORBOLETAS AZUIS explicam como será o dilúvio. **Diário da Borborema**, Campina Grande. 07 mai 1980c.

BORBOLETAS AZUIS não devem ser hostilizados. **Diário da Borborema**, Campina Grande, 08 maio de 1980a.

BORBOLETAS AZUIS: os fanáticos do dilúvio. **Manchete**, Rio de Janeiro, p. 68-85, 10 nov. 1979.

BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

CAMPOS, R. B. C. Utopia e sociabilidade: imagens de sofrimento e caridade no Juazeiro do Norte. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 46, n.1, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77012003000100005&script=sci_arttext> Acesso em: 19 out. 2006.

CENTENAS DE pessoas acompanharam o sepultamento de Roldão Mangueira. **Diário da Borborema**, 25 jul. 1980.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

CHARTIER, R. **A história cultural**: entre práticas e representações. São Paulo: Difel, 1990.

DELUMEAU, J. **Mil anos de felicidade**: uma história do paraíso. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

GIDDENS, A. Religião. In: GIDDENS, A. **Sociologia**. 4. ed. São Paulo: Artmed, 2005. p. 426-453.

JORNAL DA PARAÍBA. **Morreu o líder dos Borboletas Azuis**. Campina Grande. 25 jul. 1980. Ano 9, nº 2513.

MÃE DE Luciene atribui fuga da santa a obra do diabo. **O Norte**, 1º. Caderno, João Pessoa, 22 set. 1979.

MORREU ROLDÃO Mangueira, profeta do dilúvio. **Diário da Borborema**, Campina Grande. 25 jul. 1980. Página especial, 2.

NEGRÃO, L. N.; CONSORTE, J. G. Os “Borboletas Azuis” de Campina Grande: um movimento messiânico malogrado. In: NEGRÃO, L. N.; CONSORTE, J. G. (Org.) **O messianismo no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FFLCH-USP/CER, 1984. p. 303-428. (Coleção Religião e Sociedade Brasileira).

NEGRÃO, L. N. Revisitando o messianismo no Brasil e profetizando seu futuro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 16, n. 46, p. 119-129, 2001. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/107/10704606.pdf>>. Acesso em: 29 mar. 2009.

POPULARES ESPANCARAM Roldão e seus adeptos. **Diário da Borborema**, Campina Grande, 26 set. 1979.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE. **Anuário de Campina Grande**. Campina Grande, 1982.

QUEIROZ, M. I. P. de. **O messianismo no Brasil e no mundo**. 2. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1976.

ROLDÃO DIZ que notícias sobre a seita não espelham a verdade. **Diário da Borborema**, Campina Grande, 22 set. 1979.

SEITA DE Roldão pode levar adeptos ao suicídio. **Diário da Borborema**, Campina Grande. 26 ago. 1979.

WEBER, M. **Economia e sociedade**. 3. ed. Brasília: Ed. UnB, 1994.

WILSON, D. A. **A história do futuro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.